

A rã Felisbela

AVANÇADO

Era uma vez uma rã chamada Felisbela. Chamada, é como quem diz... Ela é que escolhera para si o nome de Felisbela. Portanto, voltemos ao princípio:

Era uma vez uma rã que se chamava a si própria de Felisbela. Mas ninguém a tratava pelo nome. Não era uma rã conhecida.

Aqui é que começa, de facto, a nossa história. A rã Felisbela, que ninguém conhecia, não se conformava com a sua situação de bicho rasteirinho e obscuro, desses que só nas fábulas dão que falar, e nem sempre da melhor maneira. Por isso, um dia, decidiu-se a saltar o gradeamento do Jardim Zoológico.

“Tantos animais que aqui há e nem uma rã”, de si para si dizia ela, muito indignada.

Assim era, de facto. As pessoas que vão em passeio ao Jardim Zoológico admiram os leões, apontam para os elefantes, apreciam a elegância das gazelas, divertem-se com as macaquices dos macacos, ficam de boca aberta a olhar para a boca do hipopótamo, mas no seu caminho, orlando dos mais diversos bichos, nunca se lhes depara uma rã para ver de perto. Nem de perto, nem de longe. Por outras palavras, não há rãs no Jardim Zoológico.

Isto é que escandalizava a rã Felisbela. Como assim? Então uma rã não merece ser apreciada como qualquer outro bicharoco? Então uma rã não participa, dentro da família dos Batráquios, no vasto reino da Natureza, a que se dá o nome de Animal?

Rã não é planta, portanto não está no Jardim Botânico. Rã não é pedra, portanto não está numa prateleira do Museu Mineralógico. Rã é rã! Mexe-se – anda, salta, corre... E mergulha, nada, vê, sente, respira, além de que – não esquecer! – coaxa, sim, coaxa, tal como o sapo (outro esquecido), mas numa voz mais sonora e com mais birra, mais pela noite dentro.

Ora aí está! A rã, ficou bem provado, é um animal, portanto merece, melhor diria, tem o direito de morar no Jardim Zoológico, ao lado da restante bicharada.

Assim pensava, pouco mais ou menos, a rã Felisbela, enquanto saltaricava por aqui e por ali, através do parque à procura de um lugar donde pudesse chamar a atenção dos que, aos domingos, feriados e não feriados, gostam de passar revista à guarda de honra dos bichos nas suas gaiolas. De salto em salto, a rã à solta foi dar a um sítio – a um lago.

– É aqui mesmo que eu vou ficar – exclamou, reluzente de satisfação.

Virou para a parede um letreiro em que se lia Hipopótamo e escreveu nas costas, em grandes letras:

Rã Felisbela – Batráquio

Depois saltou para dentro do lago. O hipopótamo que, como sempre, estava de boca aberta, a dormir, acordou sobressaltado. Tinha uma rã em cima do focinho.

– Que desaforo é este? – perguntou ele.

A rã, muito despachada, respondeu logo:

– Não se aflija, amigo. Eu, a rã Felisbela, da grande família dos Batráquios, com sangue dos Ranídeos, saúdo o senhor Hipopótamo, da digníssima família dos Mamíferos Paquidermes, Artiodáctilos chamados, prometendo-lhe, de ora em diante, uma afetuosa companhia.

- Pelo que oiço sabes bastante de Zoologia. Por isso, sendo assim tão sábia, não mereces desculpa. Ou não terias tu lido o cartaz, que está à beira deste tanque?

Bem. Não merece a pena contar o diálogo entre o hipopótamo e a rã. Aquele, com bons modos, provou à atrevida que nada tinha a ganhar em escolhê-lo como sócio no cativeiro, visto que... enfim... não era por reparar... mas uma rã ao lado de um corpulento hipopótamo nunca fica muito valorizada. Ora, se o que ela queria fazer-se notar, dar nas vistas, uma companhia como a dele não seria a mais aconselhável.

A rã Felisbela compreendeu e pôs-se a andar, isto é, saltou para outro tanque.

– Psst! Que vens aqui fazer, pequena? – perguntou o crocodilo.

– Venho reparar uma falta do diretor deste Jardim, que se esqueceu de dar uma posição de destaque à rã, bichinho muito interessante, muito mimoso, como pode apreciar. Por isso saltei para dentro desta piscina...

O crocodilo rangeu os dentes:

– Se eu tivesse as tuas pernas também saltava, mas era daqui para fora. Este tanque ou esta piscina, como tu lhe queres chamar, é o mais sombrio, o mais desabrigado do Jardim. Aqui dentro, gela-se. Quando me lembro do conforto que eu sentia nas margens do rio Zambeze. Aquilo é que eram águas!

E o crocodilo escorregou uma lágrima sentida, bem quente, que não chegou para aquecer a água da sua prisão.

A rã Felisbela comoveu-se o seu quê, mas como não queria dar parte de fraca, tomou balanço, deu um salto e foi cair... sabem onde? Foi cair na jaula da serpente.

– Boas tardes... – disse a rã, que bem-educada era ela!

A serpente ficou-se. Ficou-se a olhá-la, a olhá-la...

– Aqui dentro abafa-se – disse a rã, a tentar meter conversa.

Nem uma palavra de resposta. A serpente continuava, silenciosamente, a olhá-la, a olhá-la... Quanto mais os olhos da serpente a fixavam, mais a rã Felisbela se ia sentindo fraquejar, como se já fossem horas de ir para a cama.

E a serpente a olhá-la, a olhá-la...

Que aflição! No seu atarantamento, conseguiu arrancar de dentro de si uma lasquinha de forças, o suficiente para fugir aos olhos da serpente que a cobiçava. Saltou. Salvou-se.

Saltou para dentro do primeiro esconderijo que viu e, lá dentro, sentindo-se bem protegida, resolveu não voltar tão cedo a deitar a cabeça de fora. Ora deu-se o caso que o esconderijo onde se metera a rã Felisbela era meu, não o meu esconderijo, que o não tenho, mas o meu bolso, um dos bolsos do meu sobretudo.

Quando voltei a casa, depois de ter dado um passeio pelo Jardim Zoológico, é que descobri a rã Felisbela. Fiquei muito admirado. Como teria ido ali parar?

Ela, a rã Felisbela, é que me contou tudo. Foi assim que fiquei a saber das suas aventuras e dos seus desejos contrariados.

Além de não conseguir um lugar de destaque no meio dos outros bichos que habitam o Jardim, ainda apanhara um susto, um susto a valer, que a serpente de olhar fixo lhe pregara. Sentia-se muito infeliz a rã Felisbela.

A seu pedido, cheguei a escrever uma carta ao diretor do Jardim Zoológico, oferecendo uma rã mimosa e reluzente em troca da libertação de um crocodilo friorento... Até hoje, não recebi resposta.

E aqui têm como me veio parar a casa uma rã. E como, afinal, se hospedou em minha casa a rã Felisbela.

Não, não se tem dado mal. Vive no tanque da roupa.

Para lhe fazer a vontade, desenhei um cartaz com estes dizeres: Rã Felisbela, Batráquio (Exemplar Único). Ficou-me muito agradecida.

Vai daí, os outros bichos que tenho em casa também quiseram umas palavrinhas, umas referências... Deram-me imenso que fazer. Ao Timóteo tive de desenhar na carapaça: Cágado Timóteo, Réptil Anfíbio (exemplar raro). Na gaiola do Tico fui obrigado a pendurar um letreiro: Canário Tico, Ave Canora (tenor). E o Macário já não vai para o telhado sem me pedir o seu cartão de visita que diz assim: Gato Macário, Felino Doméstico...

São uns vaidosos.

Ficha Técnica

Título: “A rã Felisbela”

Obra: Histórias à Solta na Minha Rua

Autoria: António Torrado

Editora: Civilização

Páginas: 25-32

Ano: 2006